

Arrecada-se muito, gasta-se mal

Na edição anterior comentamos que deveria servir ao menos para provocar uma profunda reforma tributária o grave escândalo do envolvimento da Receita Federal, uma das instituições mais sérias do Brasil, na quebra de sigilo da filha do presidenciável José Serra.

Trata-se de avaliar no mínimo duas questões igualmente relevantes: uma, o enorme peso dessa carga, em si, sobretudo em cima dos brasileiros mais sofridos, que pagam mais; outra, a qualidade dos gastos públicos, na medida em que o dinheiro que escorre pelos ralos da corrupção e pelo descarado compadrio dos trens da alegria é gasto inútil, que em nada aproveita ao povo brasileiro.

Segundo a RF, o volume total de impostos e tributos pagos pelos brasileiros em 2009 foi equivalente a 33,58% do Produto Interno Bruto (PIB), nominalmente R\$ 1,055 trilhão, superior à arrecadação tributária bruta

de 2008, que então foi correspondente a 34,41% do PIB.

Os dados da RF são claríssimos quanto ao volume que coube a cada esfera da gestão pública: o recolhimento de tributos pela União foi equivalente a 23,4% do PIB em 2009. Nos Estados, a carga correspondeu a 8,6% do PIB. Nos municípios, 1,5%.

Basta um olhar direto sobre essas percentagens para compreender porque os governadores batem frequentemente às portas dos ministérios e os prefeitos quase as arrombam, com suas megamanifestações em busca de justiça tributária.

Há um temor muito grande pela estabilidade no Brasil se esse jorro de arbitrariedades continuar e a gana "imperial" do governo não for contida por uma orquestração de governabilidade em torno de uma agen-

da mínima consensual entre os atores que emergirem com força política na futura composição do Congresso Nacional.

Se nos últimos anos não houve capacidade política para organizar tal agenda, às vésperas da posse de um novo go-

Uma das facetas desse problema é que a metade dos empregos gerados no País é de má qualidade; jovens saem das universidades e perguntam onde estão os empregos adequados à sua tão batalhada qualificação

verno ela se torna impositiva, impostergável. Embora os candidatos estejam pisando em ovos, driblando as perguntas em torno da questão fiscal, ela terá que ser enfrentada.

Arrecada-se muito, com essa tremenda carga tributária, mas todo esse imenso mais de trilhão arrecadado logo se esvai e aguça o apetite tributário do go-

verno, que vai preferir aumentar a carga tributária a cortar gastos, promovendo uma evidente transferência de poupança do setor privado para o setor público.

Se a qualidade dos gastos é sofrível, também é sofrível a qualidade do desenvolvimento.

Uma das facetas desse problema é que a metade dos empregos gerados no País é de má qualidade. Os jovens saem das universidades com seus canudos e perguntam onde estão os empregos adequados à sua qualificação. "De que serve meu diploma se terei que aprender a assentar tijolo para conseguir um emprego?", pergunta um técnico em computação.

De resto, apesar da abertura recorde de vagas com carteira assinada e da menor taxa de desocupação, grande parte dos trabalhadores, sobretudo

os do setor de serviços, ainda enfrenta condições ruins e baixa remuneração.

Este é o melhor ano da história em volume de criação de postos de trabalho. Só no primeiro semestre, foram quase 1,5 milhão de vagas ocupadas a mais com carteira assinada, podendo chegar a 2,5 milhões até o fim do ano. No entanto, a maior parte das vagas está concentrada em setores que demandam escassa qualificação, pagam salários abaixo da média e são sensíveis às oscilações econômicas.

Ninguém gosta de falar em neve nos dias de Primavera e candidato algum vai falar com prazer sobre remédios amargos em plena corrida pelos votos. Mas não se pode mais tapar o sol com a peneira: de onde virão os investimentos para financiar o desenvolvimento que o País precisa se a insegurança jurídica, as regras do jogo e as reformas continuarem representando entraves à confiança necessária?

Feliz aniversário, Brasil!

alexandre garcia

Ontem, 7 de setembro, o Brasil fez 188 anos de independência. No mundo de hoje, independência é algo relativo. Cuba, quando se libertou do ditador Fulgencio Batista, virou dependente da União Soviética; quando a União Soviética acabou, a dependência de Cuba deixou o país isolado e em deterioração. A independência da Venezuela bolivariana só funciona na saliva do tenente-coronel paraquedista Hugo Chavez. Depende do petróleo que os Estados Unidos compram e, sem divisas, já não está conseguindo importar uísque, de

que é o principal consumidor latino-americano. O Brasil, dependente de Portugal, mesmo com a Independência, ficou com a cultura assistencialista, patrimonialista, burocrática, aristocrática, que lhe fora imposta por 322 anos. As nossas escolas de samba ainda têm reis e rainhas e coroas na bandeira; o nosso esporte nacional tem rei e imperador.

A propósito, tem gente absolutamente convencida de que Brasil é o nome de uma seleção de futebol. Instalamos uma bandeirinha verde-e-amarela no carro durante as competições, hasteiam o pavilhão auri-verde nas janelas só durante a Copa do Mundo. O Brasil verdadeiro

não é um time de futebol, a não ser que acreditemos nisso. Antes de começar a Semana da Pátria, pus a bandeirinha no meu carro e a Bandeira na sacada de minha casa. Afinal, é a festa de aniversário da minha Pátria. Em todos os países da América Latina as bandeiras vão para as ruas em época de festa nacional.

Talvez isso seja atávico comigo. Quando eu era menino, via meu avô hastear a bandeira no mastro instalado na fachada da casa, todas as manhãs, e arriá-la no fim das tardes, de primeiro a sete de setembro. Nas casas da vizinhança, todos faziam isso. Agora, a Bandeira virou um símbolo de

futebol, com o mesmo valor do estandarte do Flamengo ou do Corinthians. Uma espécie de sacrilégio. Agora, em Brasília, só vi um carro levando a bandeira, como o meu. No Rio, vi nenhum. Nenhuma bandeira nos prédios de Ipanema. Sete de Setembro é apenas uma oportunidade de fazer-se um feriado - que é o eufemismo para matação de trabalho.

Tem gente que pensa que isso é para militar. Santa ignorância! Por que não se fazem mais os bailes da independência? Não se põem mais as fitinhas verde-amarelas na lapela? Vergonha do país roubado, espoliado por políticos que nós mesmos elegemos? Pois este

país não é um desenho no mapa; não é um governo; não é sequer uma constituição. Este país chamado Brasil, onde nascemos, onde vivemos, onde vão viver nossos descendentes, não é essas abstrações. O Brasil concreto, real, está vivo. O Brasil somos nós. Se não nos sobra vontade para festejar o País que somos, é porque merecemos fazer torcida só para um time de futebol. Só que não podemos condenar nossos filhos e netos a pagar as consequências de nossa indiferença.

Alexandre Garcia é jornalista - alexgar@terra.com.br

Hotelaria levada na esportiva

kátia castro

Nunca antes o País presenciou uma expansão tão significativa de investimentos voltados aos setores de hospedagem, food service e turismo. Calcula-se que até 2020 se chegará à cifra de R\$ 18 bilhões. Vamos receber visitantes das mais diversas nacionalidades em decorrência da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016, o que nos coloca no centro das atenções mundiais de fornecedores e empresários em busca de novidades para ditar tendências e oferecer diferenciais nestes mercados.

No total são doze as capitais brasileiras a sediar a Copa 2014. E não é por menos que

a maioria receberá um aporte financeiro mais voltado às melhorias na infraestrutura urbana de cada cidade. Em paralelo, o Ministério do Turismo projeta a criação de 45.000 novos empregos para os próximos quatro anos no segmento de hotelaria.

Neste mesmo período, a região que desfrutará da maior porcentagem do valor aplicado será a Nordeste, onde cerca de 50% será destinado à hospedagem. O número de quartos para abrigar turistas no Nordeste pode chegar a 45.000, em uma soma que gira em torno de 70.000 no Brasil inteiro.

Por isso, em 2010, fechamos acordo para a realização da edição Nordeste da Equipotel, que será realizada pela primeira vez em maio de 2011

em Recife e já tem datas definidas pelos próximos 4 anos. Outro dos fatores que pesou a favor da tomada desta decisão é a implantação de três novas refinarias da Petrobrás em Pernambuco, Ceará e Maranhão, que totaliza R\$ 36 bilhões de investimentos nos locais e deve trazer consequências diretas ao setor de turismo, hospedagem e alimentação.

Os efeitos desse trâmite já podem ser observados por nós, que lidamos diretamente com representantes do ramo. É a hora em que o esporte e a economia dão as cartas e podem emplacar uma série de benefícios para a rede hoteleira do País. Com a preparação da Equipotel 2010, nota-se um crescimento expressivo de empresas que querem aprovei-

tar o momento para se mostrar ao mercado. A Feira, que chega à sua 48ª edição com cerca de 1.200 expositores de produtos e serviços, exigiu um aumento de 17% na área disponível para a implantação de estandes, fato que comprova a grandeza do evento, o maior da América Latina destinado a hotelaria e gastronomia.

Aliás, o setor gastronômico, um dos pilares da Equipotel, vem rendendo ótimos resultados para as empresas expositoras. Em 2009, a indústria de alimentos como um todo lucrou R\$ 292 bilhões, dos quais 22% correspondem à alimentação fora do lar. Isso representa um faturamento de R\$ 64 bilhões e constata a importância de reunirmos expositores deste segmento em nosso 4º Equip

Food&Drinks - trazendo linhas completas de produtos para suprir o mercado de food service. Seguimos também com a nossa Arena Gastronômica e seus diversos eventos, onde os visitantes têm a chance de entrar em contato com cursos e performances de profissionais consagrados no ramo de alimentos e bebidas.

Dessa forma, temos grande expectativa e prazer em receber as cerca de 50.000 pessoas, que devem passar pelo Pavilhão do Anhembi durante os quatro dias da Equipotel 2010. Não importa qual esporte nos dará mais medalhas porque o vencedor será um só, o nosso Brasil.

Kátia Castro é diretora-superintendente do Grupo Equipotel - dayan@ralco.com.br

bastidores**DESFILANDO NA CAPITAL...**

"Faltam recursos para a campanha e o Requião só infemiza minha vida".

De Osmar Dias, na coluna de Renata Lo Prete, Folha de São Paulo de ontem

Prostituição

Os 80 maranhenses, do sexo masculino, deixaram o Brasil com a proposta de trabalhar como dançarinos e modelos. Na verdade, ao chegar à Espanha, ficavam em prostíbulos na capital, Madri. Forçados a fazer programas sexuais, os maranhenses recebiam a metade do valor – cerca de R\$ 150. Todos tinham que pagar as despesas com passagens e o próprio alojamento. Eles se tornavam escravos sexuais. A polícia espanhola confirma a prisão de 14 exploradores e 80 explorados, em três endereços. Em cada casa havia entre oito e dez meninos que tinham seus perfis anunciados em sites de serviços sexuais. Em um apartamento estava um menor, de 16 anos, que há três semanas realizava serviços sexuais para a organização.

Cartilha sexual

O governo brasileiro segunda-feira anunciou a criação de um manual para prestar apoio às vítimas de redes de exploração sexual. A cartilha, chamada Guia de Retorno ao Brasil, será lançada nas próximas semanas com informações sobre as oportunidades de emprego no país e as alternativas para as pessoas que tenham sido ou sejam vítimas dessas redes. A mobilização se deve à desarticulação, na semana passada, de uma quadrilha que levava brasileiros para a Espanha com a promessa de emprego. Os jovens eram obrigados a se prostituir e entregar metade do dinheiro ganho aos agenciadores. Organismos policiais como a Interpol têm conhecimento de situações similares em outros países da Europa, como a Bélgica.

A sabedoria, o conhecimento e a sobrevivência da humanidade**luiz leitão**

Stephen Hawking disse que o homem deveria buscar outro planeta para viver, pois estamos destruindo a Terra a uma velocidade sem precedentes. Recifes de corais sofrendo o processo de branqueamento (bleaching), ecossistemas inteiros ameaçados pelos desastres ambientais. Noticiou-se há pouco tempo que um vazamento de petróleo na Nigéria se estende já por cinquenta anos, totalizando dois bilhões de litros no período, o que torna a tragédia do Golfo do México quase uma brincadeira.

A Petrobrás tem cerca de meia dúzia de plataformas em risco - a P-33 e, pelo menos, mais quatro, segundo o Sindipetro -, e nessas condições

ainda acha-se apta a sugar petróleo sete quilômetros abaixo do nível do mar!

Novamente no Golfo, outra plataforma marítima, da empresa Mariner Energy, pegou fogo no início de setembro, mas não podemos nos esquecer dos desastres de proporções menores, porém mais frequentes - quando não contínuos -, que indicam a alta probabilidade de nossa autodestruição. E há quem se preocupe com os arsenais atômicos...

Tudo isso dá razão a Hawking, mas o grande físico britânico conhece melhor que nós os obstáculos para a humanidade se mudar de "casa".

Quantas pessoas poderiam chegar, por exemplo, ao recém-descoberto sistema planetário HD 10180, com talvez sete planetas, a 127

anos-luz da Terra?

Uma nave viajando a 98% da velocidade da luz levaria mais de 130 anos para chegar lá, e a física mais básica ensina que a massa cresce com a velocidade, e só não

Tudo isso dá razão a Hawking, mas o grande físico britânico conhece bem os obstáculos para humanidade "mudar de casa"

sentimos isso porque voar a quase mil quilômetros por hora num jato comercial é nada comparado aos trezentos mil km/s a que percorre a luz.

Mas abramos uma exceção ao impossível, num assomo

da mais fértil imaginação, e acreditemos que dá para cortar caminho no espaço-tempo através de uma maluquice quântica qualquer e consigamos chegar ao planeta três de HD 10180.

Haveremos de levar em altíssima conta o alerta do professor Hawking, para tomarmos cuidado com um possível encontro com alienígenas.

Mas... ora, todo ser intelectualizado gerado por meio de reprodução sexual tenderá a formar sua personalidade da mesma maneira como nós o fazemos: influenciado pelos pais, irmãos, e, claro, as circunstâncias, o ambiente externo.

Talvez os extraterrestres é que devam se cercar de cuidados ao topar com algum terráqueo...

Não, a degeneração da Ter-

ra não poderá acabar com quase sete bilhões de seres; o mais provável é que alguma catástrofe aplique um freio de arrumação na espécie, reduzindo substancialmente a quantidade desses animais ditos pensantes.

A Teoria da Evolução das Espécies prevê essa capacidade de adaptação, ainda que ao custo de um duro aprendizado para a humanidade.

Mas adquirir conhecimento é mesmo custoso, e sabedoria, doloroso.

O conhecimento revela as causas; a sabedoria obriga a pesar as consequências. Onde se conclui que sobra à humanidade do primeiro o tanto que lhe falta da segunda.

Luiz Leitão é jornalista – luizleitao@gmail.com

Participação e independência**paulo caetano**

Aproveitando o momento eleitoral e a chuva de incentivos que recebi essa semana, depois de colocada a discussão se a figura do presidente do CRC deve ou não ser alienada do processo, volto a falar, agora mais à vontade, sobre a importância da participação política.

É certo que a temática nem sempre contou com as boas graças dos brasileiros, na maior parte da nossa história, porque nem era para contar: durante o Império era preocupação da família real e da nobreza; durante o regime militar, simplesmente tocar no assunto era

arriscado; manifestar opinião divergente do sistema então, perigo de ir para a cadeia. Resta, portanto, bem pouco tempo em que todos os brasileiros passaram a ter o direito de contribuir com a grande obra de construção do país, sob todas as formas possíveis: expressando o que pensa, votando, reivindicando, indo à luta.

Uma pergunta é inevitável: Poderia um povo ter algum projeto de desenvolvimento sem alguma estrutura política? Claro que não! Por mais que não aproveamos a forma como a atividade tem sido praticada entre nós e pleiteemos uma reforma, uma purificação, não podemos imaginar o país caminhando a

esmo, sem liderança. Precisamos definir rumos, eleger os nossos representantes.

Política – sempre foi assim – é a única via que temos para organizar o ambiente no qual vivemos. Segundo o sistema que escolhemos, a democracia, essa obra é de todos. Participação deixa de ser um direito; é um dever. Já tivemos alguns momentos intensos de mobilização popular quando, por exemplo, pressionamos o regime militar a largar o poder, quando exigimos a volta das eleições diretas, quando pedimos o impeachment de Fernando Collor. Nesses picos foi marcante o papel das classes sociais, com destaque para as mais organizadas.

A importância da organização social é evidente: sós, podemos pouco, quase nada; mas juntos, podemos tudo ou quase. Entidades de classe, sindicatos, associações, conselhos, sociedades, partidos, até mesmo igrejas, os grupos organizados de acordo com a Constituição não podem eximir-se da sua responsabilidade de pensar e construir o novo Brasil com o qual sonhamos. Mas se acharmos que política não se discute, é coisa de "profissionais", então esqueçamos o sonho.

Em nosso pouco tempo de vivência democrática aprendemos que não basta delegar, votar. Precisamos imprimir conteúdo ao nosso voto, acompanhar o trabalho dos governos e

parlamentares. Ancorados no desinteresse da população, alguns deles têm feito o que bem entendem, dando vazão aos famosos ismos – nepotismo, clientelismo, fisiologismo, corporativismo – e modos mais escancarados de corrupção, esquecendo a sua missão e as promessas de campanha. Antes – o momento é agora - precisamos debater o que é melhor para todos, propor soluções para os problemas que nos afligem, como a educação, a saúde, a segurança pública, a infraestrutura. Participação é a via da plena independência.

Paulo Caetano é contador, empresário da contabilidade e presidente do CRCPR - pcaetano@pcaetano.com.br